



Bloco de Esquerda

## Lista A - Crescer para transformar

Candidatura à Comissão Coordenadora Concelhia de Aveiro às eleições de 30 de março de 2018, candidatos:

	n.º aderente	idade	
1 - António Alberto Neto	6.630	46	Engenheiro
2 - João Moniz	11.411	28	Investigador
3 - Raquel Wilson	13.096	22	Criminóloga
4 - Nelson Peralta	1.664	36	Biólogo
5 - Virgínia Matos	6.668	39	Assistente Administrativa
6 - Rita Baptista	10.219	37	Farmacêutica
7 - Dilan Granjo	11.334	24	Editor
8 - Guilherme Amaro	11.875	23	Criminólogo
9 - Celme Tavares	6.666	43	Téc. Sup. Administração Pública
10 - Tiago Barbosa	12.837	29	Bombeiro/auxiliar de produção
11 - António Monteiro	12.586	40	Empregado de armazém
12 - Andreia Fonseca	11.525	28	Psicóloga
13 - Ernesto Oliveira	13.065	18	Estudante
14 - Jerónimo Dias	10.561	55	Inspetor Tributário
15 - Romana Lobo	11.914	20	Estudante
<i>candidatos suplentes:</i>			
1 - Eduardo Antunes	11.907	22	Marketeer
2 - Patrícia Silva	12.300	24	Enfermeira
3 - João Carlos Coelho	11.915	53	Eletromecânico
4 - Sónia Gamelas	13.378	43	Assistente Operacional
5 - Olegário Rocha	11.409	41	Motorista
6 - Filipa Vieira	13.022	19	Estudante
7 - Hugo Cunha	13.733	17	Estudante
8 - Patrícia Guimarães	13.286	22	Trabalhadora / Estudante
9 - José Mário Cruz	13.285	24	Técnico de turismo

A candidatura “Crescer para transformar” apresenta-se em linha de continuidade com o trabalho desenvolvido pela Comissão Coordenadora Concelhia cessante, valorizando o alargamento orgânico do Bloco, os resultados autárquicos, a política desenvolvida, assim como a participação intensa de aderentes na construção do Bloco. Daremos cumprimento ao programa político que a candidatura do Bloco de Esquerda apresentou nas eleições autárquicas. Propomo-nos a dar seguimento a esse

trabalho político e de organização para continuar a crescer para as transformações necessárias para melhorar as condições de vida da população.

### **1. Eleições autárquicas: um Bloco mais forte e mais amplo**

- 1.1. O Bloco obteve o seu melhor resultado eleitoral de sempre em autárquicas em Aveiro. Passou de 2 representantes para a eleição de 7 (2 na Assembleia Municipal e vogais nas Assembleias de Freguesia de Cacia, Eixo e Eirol, Esgueira, Glória e Vera Cruz e Santa Joana). Ficou ainda bastante perto de eleger em Aradas (9 votos), São Jacinto (11), São Bernardo (14) e a 16 votos de eleger uma segunda vogal em Glória e Vera Cruz.
- 1.2. A candidatura do Bloco mostrou que tem capacidade de alargamento e que tem o potencial de eleição em todas as freguesias. A capacidade de crescimento e de suplantação dos resultados do passado mostra ainda que o Bloco é a esquerda socialista que pode eleger para a Câmara Municipal em Aveiro.
- 1.3. Os resultados são reflexo de uma candidatura forte e bem mais alargada que o espaço orgânico do Bloco. Uma candidatura que integrou pessoas de todas as lutas sociais e muito do ativismo do concelho, nomeadamente nos transportes públicos, no urbanismo e no canil de Aveiro e que envolveu ainda quem partilha com o Bloco o caminho por serviços públicos universais e de qualidade e pelos direitos laborais.
- 1.4. Os resultados são ainda reflexo de uma linha política e um programa de governo municipal que se assumiu como alternativa. Uma campanha que se fez no contacto com a população e que no contacto de rua, no material de divulgação e nos debates foi a alternativa e se assumiu como querendo ser maioritária.
- 1.5. A candidatura do PS não se assumiu como alternativa. Manteve a defesa do plano de austeridade municipal que aprovou e defendeu ir mais longe que a direita na venda de património municipal.
- 1.6. A direita perdeu espaço em Aveiro. Não foi possível evitar a sua vitória, no entanto o seu espaço político encolheu 10% em 4 anos e ficou longe do resultado de há 8 anos. Ficou ainda mais distante dos 60% que a candidatura PSD/CDS esperava obter de acordo com as suas próprias estimativas expressas nas contas de campanha. A recandidatura de Ribau Esteves não teve qualquer capacidade de alargamento, ainda mais visível tratando-se de uma reeleição. É possível derrotar a direita em Aveiro.
- 1.7. Os primeiros meses do novo executivo municipal de direita mostram que mantém a sua política de austeridade, em linha aliás com o que foi a governação PSD/CDS para o país. Em Aveiro os impostos continuam no máximo e os serviços públicos no mínimo e prepara-se já uma nova entrega a privados, desta feita da publicidade. A ampliação do Glicínias e a alteração ao traçado da EN109 mostra que se mantém fiel a conceitos de urbanismo ultrapassados com duas décadas. Ribau Esteves representa em Aveiro o tempo velho e ultrapassado.
- 1.8. O Bloco propõe-se para um tempo novo, para construir uma alternativa ganhadora para derrotar a austeridade em Aveiro. Os resultados eleitorais trazem mais responsabilidades e outras perspetivas ao Bloco. Em todos os órgãos onde elegemos, levaremos as lutas sociais e abriremos a discussão à sociedade. Propomo-nos a corresponder a esses desafios, apoiando os e as eleitas do Bloco. A trilhar o caminho para um partido que disputa a maioria social.

### **2. Bloco em Aveiro: um partido aberto, plural e em crescimento**

- 2.1. Em Aveiro, o Bloco aumentou grandemente o número de aderentes, essa foi e é uma das forças das campanhas do partido no município. Este alargamento só foi e é possível com uma organização e uma direção concelhia com práticas ativas e efetivas para o crescimento, politicamente assertiva e com capacidade de estar no centro da luta social. Propomo-nos a manter esta abertura e capacidade de tornar o Bloco mais amplo.
- 2.2. Assumimos a opção por um partido de massas. Cientes dessa escolha, respeitamos e valorizamos as diversas formas de militância, participação e identificação social para promover o enraizamento do partido. Só é possível um partido de massas com democracia interna, pluralidade, diversidade e sem sectarismos. Propomo-nos a continuar esta opção, com políticas ativas de recrutamento, de debate, de envolvimento e de partilha de responsabilidades com aderentes. Não existe partido sem militantes e não há militância sem ativistas, pelo que propomos continuar os mecanismos de capacitação de aderentes para os mais variados desafios.
- 2.3. A candidatura “Crescer para Transformar” agrega em si aderentes da(s) anterior(es) comissões de Coordenadora Concelhia de Aveiro e muitos aderentes que assumirão essa responsabilidade pela primeira vez após terem participado ativamente nas campanhas, lutas sociais e no trabalho do Bloco. Esta candidatura é feita de diversidade e de uma grande variedade de competências e sensibilidades, que solidariamente está preparada para coordenar a ação do Partido no concelho.

### **3. A luta toda, todas as lutas**

- 3.1. Fazemos todas as lutas e a luta toda. Para o Bloco, não existem lutas secundárias porque não existem vidas secundarizáveis. Somos a esquerda que procura alternativas ao capitalismo, feminista e ecologista, que luta pelo trabalho com direitos, pelos serviços públicos, pelas liberdades, pelos direitos LGBTQ+, contra o racismo e a xenofobia.
- 3.2. Na direita, o mantra “não há sociedade” foi substituído pela “grande sociedade”. Antes da crise de 2008, a direita dominante reclamava o Estado fora da economia e prometia a riqueza a todos e todas. Agora, a direita dominante substituiu o discurso do *laissez-faire* pela necessidade de ordem como resposta ao caos dos interesses individuais e pela necessidade da moralidade enquanto cimento social. O discurso é diferente, algumas das políticas também, mas o objetivo é o mesmo: transferir rendimentos do trabalho para o capital.
- 3.3. Assumimos a disputa pela hegemonia ideológica. O Bloco nasceu para derrotar a alternância do centrão, pelo que a disputa pelas ideias dominantes é parte essencial para esse objetivo. Estamos nesse disputa, na popularização das ideias e propostas do Bloco, seja no contacto direto, em debates ou com os cartazes nas ruas. Assumimos o Bloco como alternativa.

### **4. Uma maioria para transformar o país**

- 4.1. Em 2015 terminou um ciclo das políticas de austeridade da Troika e do governo PSD/CDS e iniciou-se um novo ciclo de reposição de rendimentos. A força conferida ao Bloco nas legislativas de 2015, alicerçada na apresentação de uma alternativa, foi essencial para rasgar o colete-de-forças da austeridade.
- 4.2. A posição conjunta do Bloco com o PS permitiu uma alteração de políticas. O salário mínimo foi aumentado, assim como as pensões e prestações sociais e findou o corte no subsídio de desemprego. Os impostos sobre o trabalho foram reduzidos, a legislação dos recibos verdes alterada e foi lançado um programa de integração de precários no Estado. Surgiu um conjunto de novas políticas sociais como a distribuição de manuais escolares gratuitos no ensino obrigatório e

a tarifa social na energia, por exemplo. A lei das rendas sociais foi alterada, com repercussões diretas em Aveiro.

- 4.3. No entanto, o PS continua a governar para cumprir as metas do Tratado Orçamental. As cativações e as deficiências nos serviços públicos, como a saúde e a educação, são disso exemplo. Estes serviços públicos são essenciais para o bem-estar das camadas trabalhadoras da população e para combater a pobreza. O preço do défice mais baixo da democracia é a contínua degradação do Estado Social em Portugal.
- 4.4. Na economia, como nas parcerias público-privadas, nas rendas às energéticas, nos dinheiros públicos para a saúde privada (onde o Estado paga já 51% do negócio), o PS mantém a sua matriz e mantém os privilégios dos grandes grupos económicos.
- 4.5. Nas questões laborais, o governo PS revela uma das suas principais limitações. Permanece agarrado ao código de trabalho do governo PSD/CDS e da troika. O já referido salário mínimo, a diminuição do desemprego, a reposição de quatro feriados são positivos mas insuficientes. O governo PS mantém menos dias de férias e indemnizações por despedimento mais pequenas. Não repôs o princípio do tratamento mais favorável e não acabou com a norma da caducidade dos contratos coletivos. Continua a não penalizar as empresas que recorrem a excessiva rotatividade. No essencial, o governo PS mantém as relações entre trabalho e capital. Para o Bloco é essencial destruir o código laboral.
- 4.6. A força dos votos expressos na esquerda levaram o PS a abandonar muitas das premissas do seu programa eleitoral, o mais liberal que já havia apresentado. A mudança de políticas foi essencial ao melhoramento das condições de vida no país, em particular na recuperação de rendimento. Tal foi conseguido com alterações no Orçamento de Estado e com o aumento do salário mínimo. Mas se o governo está disponível para essa mudança até esbarrar nos tratados europeus, não está quando se trata de enfrentar os grandes grupos económicos na economia rentista ou na legislação laboral.
- 4.7. Os tratados europeus são incompatíveis com a democracia e com a alternativa social. Com a crise financeira de 2008, a UE assumiu o papel de estabilizador do capitalismo financeiro europeu. É necessário fazer o confronto com os tratados e lutar por maiorias sociais nacionais e europeias transformadoras. Essa é a chave para uma transformação em nome dos povos, para derrotar a austeridade e rechaçar a extrema-direita populista.
- 4.8. O PSD andou todo este tempo a brandir a vinda do “diabo”. Face à melhoria das condições de vida no país, a sua profecia de desgraça colapsou assim como colapsou a sua proposta política. De tal forma que teve que efetuar uma lavagem da face e trocar a liderança. Nas estes anos mostraram a necessidade e a possibilidade de políticas alternativas à austeridade. O PSD representa um tempo velho e derrotado.
- 4.9. É assim essencial a criação de uma maioria social que abra o caminho a políticas comprometidas com a recuperação de rendimentos, mas também com os serviços públicos e o controlo público de sectores estratégicos. Nas próximas campanhas eleitorais europeias e legislativas que ocorrerem durante o mandato desta Comissão Coordenadora, faremos essa luta com todo o espírito militante, envolvendo todos e todas que queiram construir uma alternativa.